

SIMONE GUIDA

A DURA VIDA



DITADORES

FATOS, CRIMES E SEGREDOS SOBRE OS
TIRANOS MAIS PERVERSOS DA HISTÓRIA



SIMONE GUIDA

A DURA VIDA DOS DITADORES

FATOS, CRIMES E SEGREDOS SOBRE OS
TIRANOS MAIS PERVERSOS DA HISTÓRIA

TRADUÇÃO
ROBERTA SARTORI



PREFÁCIO

Por diversas vezes, à medida que escrevia sobre os “meus” tiranos, eu senti uma mistura de raiva e compaixão. Raiva porque cada um dos seus regimes, embora com números diferentes, ceifou vidas humanas. Compaixão porque, na loucura dessas figuras, incapazes de interceptar o caminho sem volta, frequentemente se escondem transtornos mentais, infâncias violentas e megalomanias sem controle.

Da embriaguez pelo luxo mais desmedido ao culto à personalidade, o ditador perde o contato com a vida real e se torna incapaz de se colocar no lugar dos cidadãos mais pobres, esses mesmos cidadãos que já foram amigos, vizinhos, colegas.

Com efeito, as epopeias dos ditadores costumam ter um início romanesco: homens desconhecidos que saem de baixo e se veem, por astúcia e providência, no controle das rédeas de um país inteiro.

Descobriremos também que, outras vezes, a ascensão ao poder pode ser menos árdua, ou mesmo ocorrer por investidura direta. Ditadores filhos de outros ditadores herdam fortunas inestimáveis, com vícios e bizarrices adjacentes.

Chegar a líder de uma nação pode parecer complicado; isso não é nada, no entanto, se comparado à dificuldade de manter intacto o seu status. Nenhum ditador consegue dormir sonos tranquilos, porque o risco de uma traição está sempre no dobrar de cada esquina.

Mas por que as histórias dos ditadores nos fascinam tanto? Por que estamos convencidos de que a sua existência é algo distante, no tempo e no espaço geográfico, mesmo quando governam nações que estão a alguns milhares de quilômetros da nossa casa?

E por que, nos momentos de dificuldade econômica ou de agitações sociais, alguns se entregam à nostalgia dos velhos regimes, acreditando que na ditadura as coisas são melhores do que na democracia?

Essas são algumas das perguntas às quais tentei dar uma resposta. Não sei se, ao final, consegui. Na pior das hipóteses, terei proporcionado a vocês algumas novas anedotas para contar aos amigos e, talvez, até dar algumas risadas.

Chegamos agora à parte sentimental: os agradecimentos. Para esta segunda aventura literária, não posso deixar de agradecer primeiramente a vocês, queridos leitores, que escolheram entender a dinâmica distorcida dos sistemas ditatoriais e, desse modo, ter uma ideia de como o mundo é estranho (assim como as pessoas que o compõem). O meu apreço vai também para todos aqueles que acompanham com carinho o percurso do meu canal de divulgação histórica e geopolítica no YouTube. Sem um público de mais de setecentas mil pessoas eu jamais teria conseguido publicar um trabalho dessa natureza sobre um tema... tão bizarro e fascinante. Do mesmo modo vai um sincero agradecimento a Alessia Aulicino pelas noites de *brainstorming*, pelos bate-papos organizadores e pela enorme ajuda que me deu para a redação deste livro.

*Per aspera ad astra.**

Simone Guida

* Literalmente, “pelas dificuldades, às estrelas”. Em tradução livre, pode ser algo como “é pelas adversidades que se chega ao inalcançável”, “é por meio das dificuldades que se realiza o impossível”. (N. T.)



**SER UM
DITADOR:
A TÊNUE LINHA
ENTRE COMÉDIA
E TRAGÉDIA**

“

Se você nunca ouviu heavy metal e te bombardeiam os ouvidos com ele por vinte e quatro horas, as funções do seu cérebro e corpo começam a derreter, a sua linha de pensamento fica mais lenta e a sua vontade se quebra.

”

MARK HADSELL
(Sargento da Companhia
de Operações Psicológicas)

No Panamá, um homem com a pele do rosto toda lesionada bate à porta da embaixada do Vaticano pedindo asilo político. Não é um dia qualquer: é a manhã do Natal de 1989. As pessoas estão se preparando para receber a nova década com grandes expectativas, o Muro de Berlim caiu recentemente, o bloco soviético cambaleia. Em menos de um mês aconteceram coisas boas, outras nem tanto. Por exemplo, nos EUA, o primeiro episódio de *Os Simpsons* foi ao ar, e na Itália, Umberto Bossi acaba de fundar a Lega Nord [Liga do Norte]. Em retrospectiva, sabemos que o partido contribuirá para o futuro do entretenimento televisivo da mesma forma que os personagens amarelos dos *Simpsons* de Matt Groening.

Contudo, mais do que qualquer outra coisa, o 25 de dezembro de 1989 é um dia muito ruim para um ditador. À mesma hora em que o nosso protagonista se refugia entre os diplomatas do Santo Padre, no outro lado do mundo, na Romênia, outros dois ditadores se encontram diante de um esquadrão de fuzilamento prestes a serem executados. Ah, acho que eu não disse: o homem na embaixada é um ditador, e naquele momento ele não está passando muito bem. Pendem contra ele oito acusações, incluindo lavagem de dinheiro e tráfico de drogas, e os Estados Unidos acabaram de enviar vinte e sete mil soldados ao país para lhe dar uma lição.

O paradoxo é que, apenas alguns anos antes, esse ditador com o rosto esburacado de cicatrizes por causa da varíola recebeu uma comenda pela sua luta contra o narcotráfico.

Inimigos e detratores o chamam de *Cara de Pina*, *Cara de Abacaxi*, mas o seu verdadeiro nome é Manuel Antonio Noriega.

Nascido no Panamá nos anos 1930, Noriega é criado pela tia, e jamais conhecerá seu pai. A sua formação é muito simples: ao terminar a escola, alista-se no Exército panamenho. Soldado desde 1962, bem cedo torna-se um favorito do chefe das Forças de Defesa do país, o general Omar Torrijos (1929-1981) e, após a morte deste, toma o seu lugar. Dois anos mais tarde, em 1983, conquista também o poder político, tornando-se, com efeito, o líder da nação.

O general Noriega, que além de ter laços estreitos com a CIA é especialista em inteligência militar, combate ao narcotráfico e ao terrorismo, se torna uma figura cada vez mais central para os Estados Unidos: ele contribui significativamente para muitas ações de desestabilização realizadas pelos americanos na América Central e do Sul, dentro daqueles lugares que o governo dos Estados Unidos define como “o quintal de casa”, a fim de neutralizar as organizações revolucionárias de caráter marxista. A colaboração tem início na segunda metade dos anos 1970. Os Estados Unidos oferecem um forte apoio a Noriega, inclusive para evitar que o Panamá acabe sob a esfera de influência soviética. O acordo faz parte da Operação Condor, uma das páginas mais sangrentas da história americana, mas sobre isso falaremos mais adiante.

O nosso Cara de Abacaxi não tem muitos escrúpulos em misturar assuntos pessoais (relacionados a negociações suspeitas, especialmente de drogas) com operações “especiais” dos EUA na Nicarágua ou em El Salvador, muitas vezes confiadas a esquadrões da morte e a serviços secretos.

A sua cada vez maior autonomia política e uma série de novas posições contrárias às dos EUA marcam o início da sua queda. Todavia, o que vai decretar o seu fim será, sobretudo, a sua parceria com um dos homens mais procurados do mundo: o rei do narcotráfico, Pablo Escobar (1949-1993).

AMIZADES AUTÊNTICAS E SEM INTERESSES

A relação entre Manuel Noriega e Pablo Escobar nasce no início dos anos 1980. O narcotraficante colombiano envia regularmente pequenos aviões carregados de drogas ao Panamá e aos Estados Unidos, com a cumplicidade do ditador. O vínculo fica mais forte em 1981, quando Noriega consegue localizar os guerrilheiros do grupo M-19, que recentemente haviam sequestrado Martha Nieves Ochoa Vásquez, irmã de Jorge Luis e Fabio, membros proeminentes do cartel de Medellín, do qual “*don Pablo*” é o líder indiscutível. A intervenção de Noriega se mostra fundamental para a libertação da mulher, e Escobar fica fascinado pela firmeza e pela habilidade militar do ditador panamenho.

Carlos Lehder, cofundador do cartel de Medellín que testemunhou no processo contra o Cara de Abacaxi, relatou ao procurador americano Guy Lewis que a relação do cartel de Medellín com Noriega teve início em 1982 devido à necessidade de se utilizar o Panamá como via alternativa às Bahamas para fazer a droga entrar nos Estados Unidos. Noriega teria colocado o seu país

à disposição, transformando-o na escala perfeita a fim de evitar voos diretos da Colômbia para os Estados Unidos. Lehder explicou ainda que o acordo entre o ditador e o cartel de Medellín tinha algumas condições muito precisas a serem respeitadas. O entendimento estipulava que Noriega colocaria à disposição do cartel o uso de uma companhia aérea cargueira panamenha para transportar as mercadorias, em troca de um percentual. Segundo a testemunha, a propina chegava a mil dólares por quilo, o que teria permitido ao Cara de Abacaxi acumular uma fortuna de mais de dez milhões de dólares em poucos anos.

Dada a receita substancial e a sensação de que os negócios de Escobar agora dependiam da sua ajuda, Noriega obrigou o cartel a atualizar as taxas. Fala-se em duzentos mil dólares por voo que saía do aeroporto de Paitilla e em 5% de cada dólar lavado nos bancos panamenhos.

Em 30 de abril de 1984, quando o seu império já havia começado a desmoronar, Pablo Escobar estava sendo procurado pela justiça colombiana pelo assassinato do ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla (1946-1984). A mulher de Escobar, que fugia com ele, estava grávida: em breve daria à luz a pequena Manuela Escobar. Noriega se oferece a dar-lhes refúgio no Panamá e arranja para que o parto seja feito na melhor clínica do país. Em pouco tempo, outros membros do cartel de Medellín também passaram a se refugiar no Panamá.

Tudo indica que para comandar o cartel de Medellín na “sua casa” e montar laboratórios e sistemas de lavagem de dinheiro Noriega tenha recebido cinco milhões de dólares. Outras fontes sugerem que o ditador entregou a Escobar um documento de identidade falso, com o nome de Pedro Pablo Cabrera Caballero, no qual consta “agricultor” como profissão.

Mesmo assim, Escobar vai permanecer no Panamá apenas duas semanas. O temor de *don* Pablo é que, dada a história de Noriega com a CIA, este possa traí-lo e entregá-lo aos Estados Unidos. Ou que ele continue pedindo dinheiro, sob chantagem, em troca da sua proteção. As suas preocupações não são infundadas. De acordo com o que Lehder relatou, o Cara de Abacaxi havia entregado aos americanos muitos expoentes do cartel de Medellín a

fim de guardar para si dinheiro, propriedades e cocaína. Também em 1984, em Darien, sob a pressão da DEA,* a agência federal antidrogas dos Estados Unidos chegou, inclusive, a destruir um laboratório de Escobar.

Em 1987, a acusação de envolvimento com o narcotráfico internacional se torna oficial, e é aberta uma investigação contra ele em Miami. Esquecendo-se dos anos em que era considerado um amigo fiel, os Estados Unidos retiram definitivamente o apoio a Noriega e começam a preparar a sua destruição.

PRATA OU METAL?

Após esta rápida excursão no passado de Noriega, começamos a entender por que ele nesse momento está preso na embaixada do Vaticano, no Panamá. Alguns meses antes, embriagado com a sua mitomania, o Cara de Abacaxi afirmara com desdém: “Eu digo aos americanos que parem de me ameaçar porque, seja como for, não tenho medo da morte”.

Depois, indiferente às consequências, por ocasião das eleições presidenciais, anulou os resultados das urnas e fez-se nomear *líder máximo*, tentando até mesmo um golpe de Estado. Nessa altura, o presidente dos Estados Unidos, George H. W. Bush (1924-2018), pai daquele em quem jornalistas iraquianos jogaram um sapato, ficou furioso como um touro: “As ameaças imprudentes do general Noriega, junto com os ataques contra os americanos no Panamá, são um perigo para os trinta e cinco mil cidadãos americanos que vivem no país. Por isso enviei os nossos militares: para proteger os americanos e levar Noriega à justiça”.

Com quase trinta mil soldados no país, o Cara de Abacaxi esqueceu que não tinha medo da morte.

* Sigla para Drug Enforcement Administration [Administração de Repressão às Drogas]. (N. T.)



**MANUEL ANTONIO
NORIEGA**
(1938-2017)

O fato é que é Natal, e Noriega realmente não quer sair daquela embaixada. Os militares americanos não sabem para que lado se virar: atacar a sede diplomática papal, entre outras coisas no dia de Natal, arrisca um incidente internacional, sem considerar que seria um gesto covarde, como espancar um velhinho de óculos. Portanto, há apenas uma solução: Noriega deve sair daquele prédio espontaneamente e pelas próprias pernas.

A solução surge por iniciativa do general Maxwell Thurman (1931-1995), conhecido por todos como Mad Max (nunca um apelido foi mais apropriado), um especialista em técnicas de guerra psicológica: torturar Noriega, mas a distância.

Em 27 de dezembro, alguns membros do time PSYOPS (Psychological Operations) [Operações Psicológicas] dão ordem para colocar uma série de alto-falantes ao redor do prédio da embaixada, criando uma espécie de barreira ao redor dos muros. Depois de algumas horas, dos alto-falantes começou a soar a música “You’ve Got Another Thing Comin’”,* de Judas Priest, um belo rock’n’roll, daqueles que estouram os tímpanos mesmo no volume normal. E o nível do volume dos alto-falantes que os soldados americanos instalaram supera a resistência humana. O plano agora está claro. As forças militares especiais querem esgotar o fugitivo com música metal e hard rock. E Noriega odeia metal e hard rock.

A *playlist* enviada para repetição naqueles dias entrou para a história: vai de “Welcome to the Jungle” [Bem-vindo à selva], do Guns N’Roses, e “Wanted Dead or Alive” [Procurado vivo ou morto], do Bon Jovi, a “The End” [O fim], da banda The Doors.

Os soldados continuam com “Danger Zone” [Zona de perigo], de Kenny Loggins, e outras duas músicas que pelo título parecem ter sido escolhidas um pouco por provocação: “Panama”, de Van Halen, e “Never Gonna Give You Up” [Nunca desistirei de você], de Rick Astley. A lista é longa. Você pode encontrá-la no YouTube, e também entre os relatos militares da época. No final, parece que o que fez o cérebro de Noriega enlouquecer foi a cansativa repetição de “I Fought the Law” [Eu enfrentei a lei], da banda The Clash.

* Em tradução livre, “Tem algo chegando para você”, “Você vai ter uma surpresa”. (N. T.)

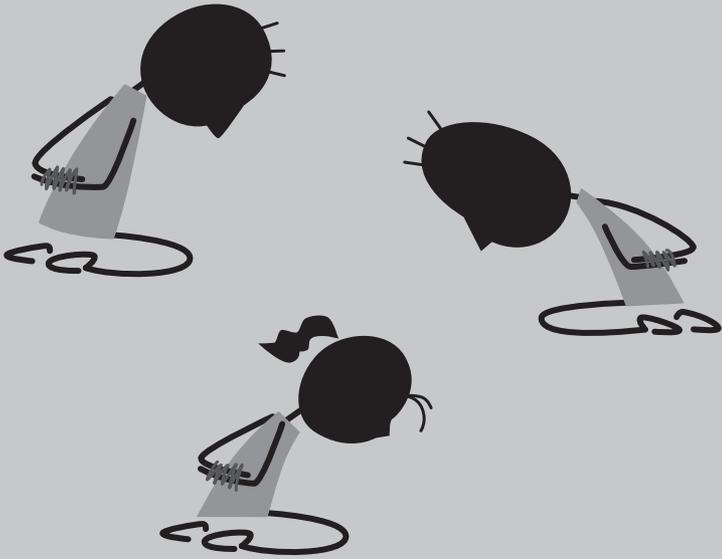
Em 3 de janeiro de 1990, o ditador panamenho se rende, entregando-se “espontaneamente” às tropas americanas. Após o julgamento, ele ficará preso por vinte anos em prisões de segurança máxima dos Estados Unidos.

A pessoa de Noriega introduz este livro por um motivo bem específico. O Cara de Abacaxi não é um ditador particularmente carismático, nem faz parte daqueles tiranos que têm atrás de si uma história digna dos melhores filmes de Hollywood. Mas a anedota da sua captura é a síntese perfeita daquilo que, como vocês verão, capítulo a capítulo, se perpetua na vida dos ditadores — uma mistura de farsas e selvageria, em que estabelecer a linha entre o cômico e o trágico se torna impossível.

“Existe uma fronteira precisa entre atrocidade e comédia?”, perguntava-se o escritor e antropólogo Albert Sanchez Piñol, em 2000, enquanto narra-va as histórias de oito ditadores africanos.

Sim, uma fronteira existe. Está ali, ao centro do extermínio, na matança de milhares de pessoas, no assassinato sistemático; está nos locais onde a injustiça supera toda a imaginação. Existem e existiram lugares e épocas nos quais nem sequer o sarcasmo mais pungente conseguiu perfurar a cortina do terror (...). No entanto, o valor do humor também poderia ser considerado, justamente para abstrair o indivíduo da circunstância, o assassino do contexto. Em alguns casos muito esporádicos, o público pôde testemunhar o espetáculo do tirano caído. Normalmente, o efeito tem sido, ao mesmo tempo, devastador e contraditório. Longe dos sistemas que sancionavam as suas prerrogativas, o déspota, a besta do mal, não passava de um personagem sórdido, patético, grotesco ou as três coisas juntas.

O que Noriega sofreu é, para todos os efeitos, uma tortura, mas uma tortura que nos faz rir, porque é absurda e exagerada. Igualmente absurdas e exageradas são as histórias das ditaduras desses homens, a respeito de quem, como diria Piñol, continua impossível estabelecer se são mais bestas-feras ou palhaços.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2023**